

O CORPO-ESCALA NAS ESTRATÉGIAS ESPACIAIS-EXISTENCIAIS DO MARGEAR

THE BODY-SCALE IN THE SPATIAL-EXISTENTIAL STRATEGIES OF MARGINATION

 Mariane de Oliveira Biteti ^A
 Matheus da Silveira Grandi ^A

^A Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), São Gonçalo, RJ, Brasil

Recebido em: 23/08/2024 | 16/04/2025 **DOI:** 10.12957/tamoios.2025.86755

Correspondência para: Mariane Biteti (bitetimariane@gmail.com)

Resumo

Esse texto está escrito na forma de um ensaio. Nosso objetivo é apresentar uma compreensão, desde a Geografia, de como podemos considerar que os corpos são escalas que operam e complexificam um conjunto de relações espaciais quando se conectam e, por vezes, colapsam outras escalas de compreensão da espacialidade do mundo. Diante disso, ensaiamos o corpo-escala como um quase-conceito, numa perspectiva trazida pelo filósofo Jacques Derridá, de modo que a nossa contribuição se direciona à reflexão sobre a corporeidade do corpo como espaço, pondo em relevo o que denominamos de margear – uma estratégia espacial-existencial que, supomos, define uma corporeidade em movimento, dinâmica, dialética, que diverge das tentativas de delimitação ou essencialização já que situada na espacialidade do entre, típica das encruzilhadas.

Palavras-chave: Corpo; Corpo-escala; Margem; Margear.

Abstract

This text conceptualises a body-scale in relation to the corporeality of the body as space. In this way, from this spatial and existential relationship, topographies and topophilias are defined in response to the markings, inscriptions, situations, and affects of the body-scale in its movement, creating spatialities and dynamics that often emerge as strategies of 'margear' (to marginate). The scalarity of the marginalisation movement, in turn, defines urban choreographies that position this body at the crossroads of life, art, knowledge, and their spatialities.

Keywords: Body; Body-scale; Margin; Margination

INTRODUÇÃO

Nossa opção pelo formato ensaístico vai ao encontro do desejo de friccionar uma discussão embasada pelas referências teóricas da ciência Geográfica com as discussões mais amplas da arte e da Filosofia, tendo em vista aquilo que julgamos necessário nesse momento: pensar aberturas para que os corpos não sejam aprisionados à uma lógica formal que tendencialmente os objetificaria, tirando a sua potencialidade analítica e, mais do que isso, a sua força como um existencial. Corpos que, por isso, são políticos e, nesse sentido, não se encerram em si, não terminam na pele (Haraway, 1991; Moraes, 2020; Fanon, 2018). Por isso mesmo tais corpos se espacializam, se conectam com outros corpos, sejam eles humanos ou não humanos. Corpos que existem no mundo e que se produzem produzindo espaço. Não sem estratégias, afinal, corpos são escalas que agem, tal como dissemos num outro texto (Biteti e





Grandi, 2024). Mas um pouco diferente do artigo que escrevemos para situar a discussão do ponto de vista mais formal e de referências, esse ensaio precisa ser visto não como um experimento, mas como uma possibilidade de abertura, naquilo que a filósofa do lixão de Gramacho Estamira chamava de "além dos além". Criar aberturas é, portanto, ampliar as trocas e assumir um teor político ao permitir um maior diálogo com outras áreas do conhecimento, da filosofia, da arte, como formas de enriquecer a própria Geografia de novos conteúdos, linguagens e dilemas.

O margear como um "quase-conceito" (Derrida, 2016) responde ao caráter de deslocação que aludimos como argumento para fugirmos da ideia de margem como algo fixo e definível pela cristalização de seu significado. Portanto, o margear dos corpos pode ser pensado como uma estratégia espacial-existencial que desafia a estabilidade conceitual presente nas oposições binárias, tais como centro-periferia, margem-centro, formal-informal, de tal modo que nos interessa compreender a espacialidade que se reproduz por meio do margear de corpos não hegemônicos. Uma dessas dimensões corresponde ao ato de forjar, que aqui leremos como uma das estratégias do margear, visto que ao mesmo tempo cria e escamoteia corpos. Corpos infinitos que se entrecruzam, se perpassam, se contaminam, se comem, se ejetam, se projetam, se lançam num aberto do ser. Esse encontro de corpos no tempo desenham o corpo que acolhe aquele que se delicia por suas curvas e esquinas, ruas, becos e caminhos. Deslizando pela cidade, corpos grafam nomes, memórias, lembranças, marcas, traços, rastros, cheiros, suores. As marcas produzidas por esses corpos passam a especlar, em forma de lembranças e presenças que condicionam seu olhar, seu caminhar, seus sonhos, desejos e ambições. Tais marcas expressam as agências dos corpos do passado materializadas em cicatrizes espaciais, um dos significantes das rugosidades espaciais em Santos (1996), como resquícios materiais das ações passadas. Ligam passado e presente e sabem-se necessários e constitutivos do futuro – este resultado das disputas do agora. Corpos, enquanto formas espaciais, também protagonizam processos e, ao marcarem o espaço, se marcam igualmente. Formas resultantes e produtoras de processos, categorias centrais para entendermos o espaço (Santos, 1985), os corpos são preenchidos por significados (Corrêa, 2018) em suas trajetórias, tendo neles aglutinadas representações de diferentes escalas. Afinal, são corpos que também vinculam os espaços por onde passam, pois rabiscam continuamente cada um deles e, por meio de suas trajetórias e escrituras articulam territórios de sujeitos individuais e coletivos, se constituindo concomitantemente a eles.

Demonstram, portanto, que não há existência sem se espacializar. Interligando os espaços, ao passo que também por suas práticas os definem (em suas características e fronteiras), são então corpos que só podem ser entendidos por estarem em relação com espaços-outros. Enquanto forma específica do espaço, os corpos anunciam-se de maneira polêmica como espaços-agentes em movimento constante de construção e significação de si e do mundo – distinção cada vez mais difícil e tênue. Em cada corpo existe o mundo. De tal modo que considerar as alteridades espacializadas pressupõe o reconhecimento dos corpos como co-constitutivos do mundo, corpos abertos, permeáveis e, também por isso, partes fundamentais da compreensão das tensões e dos conflitos presentes nas relações.



Corpos-escalas, partes do espaço que, ao se articularem com outras e, por vezes, ao se colapsarem nos lugares (Grandi, 2020), constroem seus sentidos e atuam no mundo. Para eles convergem os mundos – um dos recortes onde e por meio dos quais processos ancorados em outros locais se concretizam no cotidiano; mundos que emergem dos corpos – agentes individuais-coletivos de práticas que inscrevem valores no mundo (reproduzindo-os ou inventando-os). Mundos que existem ao serem ditos e enunciados, praticados e pronunciados pela polivocalidade dos corpos que os constituem e das ações que estes coreografam no espaço. Escalas geográficas que colapsam nos e a partir desses corpos e de suas existências. Por isso, há de se compreender que tanto eles quanto o mundo, a cidade e o infinito se mostram ao mesmo tempo como luz e como sombra. Os caminhos percorridos pelas curvas, esquinas e vielas do corpo-cidade-mundo são condições de vida, de abandono total de niilismo (Moraes, 2020). O corpo é, assim, político, uma ideia-corpo real, em suas concretudes e práticas, até mesmo quando não se manifesta em presença. Isso porque, mesmo quando virtual, o corpo não se desfaz. Ganha, por outro lado, novos contornos, tornando-se híbridos e cibernetícios; corpos alimentados pela recursividade, rastreados e vigiados, produzidos social e biologicamente de formas ímpares e cujos sentidos se expandem pelos sensores maquinícios neles instalados ou por eles utilizados (Beiguelman, 2021). Indivíduos e coletividades que vêm o que antes não viam – mundo sensoreado pela visão de corpos agora ciborgues (Haraway, 1991). Reconhecer a escalaridade dos corpos reverbera o tensionamento das fronteiras entre o humano e o não-humano.

Estas páginas experimentam algumas possibilidades de se pensar a espacialidade do corpo, ainda que concordemos com Butler (2019) quando diz que existe uma impossibilidade de fixar corpos como objetos do pensamento. Por isso, pensamos o corpo em função de suas ações, de suas práticas, de suas inscrições no mundo feitas por meio dos encontros com corpos-Outros. Afinal, ainda que corpos não sejam facilmente adotados como objetos do pensamento, seus rastros estão aí - uns nos outros, nas materialidades do mundo, na significação do passado-presente e nos condicionamentos das projeções de futuro. O sentido de corpo que trazemos tenta fugir de sua essencialização e, para isso, o vê como corporeidades que se espacializam, conjunto de ações realizadas que definem as existências de si mesmos e de outros espaços, articulando-se e articulando-os, constituindo a si e a outros recortes enquanto escalas geográficas concomitantes e diferentes. Tal assumpção desenha uma escolha metodológica explícita, que tenta escapar da reificação dos corpos e afirmá-los como práticas que, ao agenciarem espaços, escalarizam a si mesmos e ao mundo, pois grafam seus movimentos a partir do que os encontros produzem em si e no Outro. Tornam-se referência para pensar e conhecer o mundo, única saída possível à construção de conhecimentos responsáveis (Haraway, 1995). Intangível enquanto objeto essencializado, portanto, por meio de sua corporeidade os corpos assim vistos produzem geografias e existências ao grafarem seu espaço, deixarem marcas e serem marcados. Sua existência é concreta e material apenas na medida em que agem. Mas também pode ser espectral na medida em que condicionam e marcam certas ações, ainda que não estejam presentes ou visíveis como materialidade, mas sim como espectralidade que revela um modo da corporeidade do corpo agir.



CONTORNOS ESPACIAIS DA CORPOREIDADE: CORPO-ESPAÇO É CORPO-ESCALA

Como adverte Moreira (2007), somos espaço porque somos corpo.

A nossa corporeidade não se projeta num espaço a priori e nem se define apenas como algo que está, sem ser. Não estamos aqui negando a materialidade do corpo, sem a qual sequer existiríamos. Estamos, sim, dispostos a tratar de um espaço constituído pelas relações entre os corpos, o que aqui designamos como a corporeidade do corpo (Lima, 2014), elemento intersubjetivo da nossa existência. Entendemos, por exemplo, que as formas que definem a cidade fazem parte de um horizonte objetivo que condiciona o modo com o qual podemos nos relacionar intersubjetivamente. Dessa forma, o caminhar pelas ruas, o movimentar-se pelos ônibus, as nossas casas (ou quando a casa é a rua), as praças públicas, as barricadas nas favelas, os espaços mantidos pelos ativismos ou as manifestações realizadas por movimentos sociais são – tudo isso e muito mais – produções sociais que, no entanto, ao mesmo tempo também são formas pelas quais reproduzimos a nossa existência por meio e através de práticas espaciais.

Por sermos corpo, porém, também somos espaço.

Decorre daí que podemos nos inspirar em certos debates geográficos para pensar-nos corpos-espacão. Olhar o corpo enquanto espaço permite que o vejamos em ao menos duas dimensões (Biteti e Grandi, 2024): como área, em uma face subepidérmica, podemos reconhecer a heterogeneidade que o constitui – pois enquanto corpo, existimos no cruzamento conflituoso de identidades, opressões, violências e invenções; como nó em uma rede, porém, o vemos desde um olhar externo e, portanto, enquanto unidade coesa – face que nos facilita perceber a dimensão relacional de sua construção. Digna de Janus, essa dupla face implica desafios, pois nos coloca diante dos riscos de reificar ou de isolar o corpo. Por isso é necessária a construção de uma ponte que reúna os olhares e desvele a potência oculta sob esse aparente dilema.

Um corpo, corpos: não pode haver um só corpo, e o corpo traz a diferença. São forças dispostas e estendidas umas contra as outras. O “contra” (de encontro, em reencontro, contraposto “de perto”) é a categoria maior do corpo. Quer dizer, o jogo de diferenças, contrastes, resistências, capturas, penetrações-repulsões, densidades, pesos e medidas. Meu corpo existe contra o tecido de suas vestes, o vapor do ar que ele respira, o brilho das luzes ou o roçagar das trevas. (Nancy, 2012, p. 48)

Assumir o corpo em suas práticas espaciais (que são parte de sua corporeidade) permite, portanto, vê-lo heterogêneo e relacional ao mesmo tempo, uma vez que passa a constituir-se no decorrer dos agenciamentos que promove. O corpo-espacão constrói-se, assim, concomitantemente na relação com o mundo e enquanto bricolagem de processos que o entrecruzam. Indissociáveis, ambas as faces dependem do contato e, portanto, dos conflitos



para existirem. Margens internas e externas, visíveis e invisíveis, definem-se no trânsito, no encontro e nas tensões.

Embora não sejam objetos, os corpos-espacos em circulação revelam e enfrentam as marcas físicas e simbólicas das possibilidades e interdições que os caracterizam, resultado de seu movimento escalarizante por outros recortes espaciais – pela casa, pela cidade, pela comunidade, pelos espaços públicos ou privados etc. Agenciam espaços e, por meio das linhas que traçam, os articulam com suas trajetórias. Feito agulhas transitando pelo tecido urbano, os corpos costuram os espaços pelos quais passam com a linha de sua experiência ao mesmo tempo em que deixam marcas em seu caminho, alinhavando seus cotidianos em um *continuum* espaço-temporal cujo sentido é construído e disputado socialmente. Seu movimento constrói verdadeiros diagramas têmporo-espaciais (Hägerstrand, 1975).

Nossas ações deixam traços no mundo físico. Nós produzimos coisas e provocamos estados de um tipo que a natureza não molda. A maioria dos traços têm uma curta duração. Outros levam a mudanças mais duradouras. Na maioria dos casos há propósitos limitados e compreensíveis por trás de ações específicas. Além disso, a maioria das ações – possivelmente todas – têm consequências que não foram levadas em conta no momento da ação. É bastante fácil descobrir tais consequências não intencionais na vizinhança imediata. Consequências com um alcance mais amplo e um percurso lento são mais difíceis de apreender. (Hägerstrand, 1995, p. 35)

Ao transcender o tempo-espacoe cotidiano, os significados construídos a partir das disputas sobre os sentidos do cotidiano articulam o próximo e o distante e explicitam, assim, a escalaridade dos corpos – tornados, então, corpos-escalas (Biteti e Grandi, 2024). Se assumirmos a concepção da escala geográfica enquanto construção social (Marston, 2000), apresentar o corpo como escala nos exige partir de suas ações (Moore, 2008; Grandi, 2021, 2023) para refletir sobre quais recortes espaciais se tornam relevantes para cada corpo, bem como sobre as formas por meio das quais esses protagonistas articulam tais ações em diferentes espaços por meio de redes socioespaciais específicas. Mas a polivocalidade da escala (Corrêa, 2003, 2006, 2011; Sheppard e McMaster, 2004; Souza, 2013) também envolve uma dimensão representacional, pois ela diz respeito aos processos que permitem a visibilização ou ocultamento de fenômenos – aspecto nítido mesmo ao se pensar na escala em sua acepção cartográfica. Enquanto escala geográfica, ela visibiliza ou invisibiliza porque sua escolha tem implicações teórico-conceituais e metodológicas que habilitam a percepção de determinados aspectos em detrimento de outros. Acontece que ao expandirmos sua compreensão e vermos a escala geográfica enquanto mecanismo epistemológico (Castro, 1995; Jones, 1998) e, portanto, como parte dos processos conflituosos (forçosamente políticos) de dotação de sentido ao experienciado (Grandi, 2021, 2023), reconhecemos que a escalaridade não só representa o espaço: ela também o produz, no sentido de configurar as possibilidades de sua existência. Não se trata, portanto, apenas de visualizar ou não. Trata-se também de apresentar possibilidades de existência, produzindo e reproduzindo relações sociais a partir da produção e reprodução de espacialidades.



TOPOGRAFIAS E TOPOFILIAS DO CORPO NA CIDADE

Diferentes, os corpos são todos um tanto disformes. Um corpo perfeitamente formado é um corpo embaraçoso, indiscreto dentro do mundo dos corpos, inaceitável. É um esquema, não é um corpo. (Nancy, 2012, p. 47)

Em parte, a política – os embates pela conformação das relações de poder – se vale também da estratégia de definir estaticamente os corpos dominados e dominantes. Não há nenhuma novidade em ver a essencialização como estratégia política. Estabelecer limites nítidos, distinções explícitas, fronteiras que excluem mutuamente: muita semelhança há, aí, com a territorialidade do Estado-nação. O indivíduo liberal, aquele cuja existência esbarra na existência alheia, auxilia a sustentar socialmente essa estratégia. Mas como diriam em outros tempos: na prática, a teoria é outra. Tais linhas demarcatórias são exatamente o que são: instrumentos ou mesmo, como diz Foucault (2008), tecnologias de poder. Nesse sentido que propomos considerar os limites tais como são: utilizáveis, moldáveis e flexíveis – e só assim têm sentido de ser. Basta que nos aproximemos para que qualquer linha se revele uma área. Contiguidades de transição, áreas com características sobrepostas por onde mover-se: eis aí parte da ambiguidade da distinção dos espaços e, portanto, dos corpos.

As linhas-áreas de distinção atuam, portanto, como fronteiras. Enquanto parte da territorialidade, já nos diria Robert Sack (1986), duas das funções fronteiriças nos interessam, por ora: fronteiras comunicam que algo possui ou está excluído de determinado espaço; e fronteiras destacam territorialidades que atuam como moldes para as propriedades espaciais de eventos. A pele e seus comportamentos, margens do contato entre a dimensão subepidérmica e externa dos corpos, são assim elementos centrais nas dinâmicas e configurações de poder, diante do que Moraes irá pensar o que seria a desconstrução da colonialidade a partir de uma *Filosofia dessa Coisa de Pele* (2020). Não é à toa que vemos que, quando contornados por linhas de características hegemônicas, sabe-se que os corpos têm sua existência e circulação facilitadas e acolhidas. Porém, existir como mulher, homossexual, negra/o ou transexual (bem como tantas outras formas) tem sido uma condição corpórea que convoca à luta permanentemente – seja essa existência motivada por escolha, imposição ou representação. Importa-nos dizer que os nossos corpos, portanto, ao serem produzidos e reproduzidos no contexto das relações, por isso também são marcados por certas inscrições de caráter essencializador do que somos. Tais inscrições interferem no modo como somos vistos, acolhidos ou rechaçados, consentidos ou perseguidos. Elas afetam e constituem todos os corpos, uma vez que somos todos seres construídos socialmente. Mas ao nos interessarmos pelos agenciamentos margeantes, olhamos sobretudo aos corpos negros, das mulheres, travestis e todos aqueles que ocupam posições não-hegemônicas, posições subalternizadas pelas distintas violências operadas pelas normatividades – de gênero, de orientação do desejo, de raça, de classe social, etc. Frantz Fanon já apontava isso ao falar de um “esquema epidérmico racial”.



No mundo do branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação. É um conhecimento em terceira pessoa. Em torno do corpo reina uma atmosfera densa de incertezas. Sei que, se quiser fumar, terei que estender o braço direito e pegar o pacote (...) Faço todos esses gestos não por hábito, mas por um conhecimento implícito. Lenta construção de meu eu enquanto corpo, no seio de um mundo espacial e temporal, tal parece ser o esquema. Este não se impõe a mim, é mais uma estruturação definitiva, pois entre meu corpo e o mundo se estabelece uma dialética efetiva.

No movimento, não se tratava mais de um conhecimento de meu corpo na terceira pessoa, mas em tripla pessoa. No trem, ao invés de um, deixavam-me dois, três lugares. Eu já não me divertia mais. Não descobria as coordenadas febris do mundo. Eu existia em triplo: ocupava determinado lugar. Ia ao encontro do outro... e o outro, evanescente, hostil mas não opaco, transparente, ausente, desapareceria. A náusea... (Fanon, 2008, pp 104 e 105).

Trata-se de uma dinâmica que às vezes não é possível definir como um recorte ou unidade, sob pena de não contemplar o movimento e as múltiplas formas que os corpos acionam ao transgredirem certos limites, ao assumirem formas de se tornarem invisíveis como estratégia, as formas do margear, os cruzos, as inconstâncias, as permeabilidades, a ginga e os hibridismos. Não que não se definam, mas o fazem de maneira contextual, relacional, estrategicamente cambiantes. Diríamos até que essa existência existe sem que seja apreendida por muitos, marcando o espaço a partir dos rastros, do movimento de rodopio das saias, da voz que ecoa a gargalhada em cada esquina, da imagem multifacetada e muitas vezes invisível, nesse caso não como uma negação, mas como uma presença diferencial ou espectral, um existir pombagírico (Biteti, 2021). Não é por menos que propomos o enfoque nos agentes e suas práticas: seu caminhar é movimento desenhado pela coexistência do equilíbrio e do desequilíbrio, pela constante iminência ou pela concretização do conflito.

Achille Mbembe (2021, p. 63) vai dizer que “o projeto do em-comum abre caminho para o passante”. Eis que politicamente precisamos garantir as passagens sem permitir novos fechamentos. “Abrir caminhos” na filosofia de Haddock Lobo (2022) é, também, assegurar que cada um possa dar a sua pisada e fazer a sua travessia, de tal modo que esse corpo também possa ser atravessado pelo caminho. Tal compromisso com cada caminho é, portanto, fazer e conquista coletiva. No entanto, sabemos das inúmeras iniciativas de se produzirem novos limites, cercamentos e muitos impedimentos à passagem livre. E isso se realiza mediante o controle dos corpos-espacos. Fronteirização é o conceito utilizado por Mbembe para tratar dessa dinâmica que interdita e torna intransitável certos espaços a um grupo grande de corpos marcados como distintivos à ordem hegemônica. Sejam rotas migratórias internacionais, sejam as migrações pendulares nas cidades, seja o vadio ou a vadia da rua: há sempre o desejo da contenção, nos campos, prisões, vagões, sanatórios, abrigos, elevadores, catracas... Nesse sentido, os corpos, eles mesmos, viram corpos-fronteira. O limite não é apenas o Estado-nação e suas fronteiras políticas; o limite onde opera o controle e a punição é também o corpo – como também nos provoca Mbembe (2021).

De acordo com o filósofo Henri Lefebvre (2000), o espaço inteiro (social) procede do corpo, ainda que ele submeta o corpo a tais metamorfoses que possam fazê-lo esquecer, ainda que possa se separar tão radicalmente do corpo até matá-lo. Assim podemos interpretar o processo histórico da acumulação primitiva do capital na obra da filósofa Silvia Federici (2017,2019), no qual o controle dos corpos das mulheres para a finalidade da reprodução



ampliada do capital chegou ao extremo da sua eliminação física mediante a política de caça às bruxas que se repete, ainda que com um conteúdo renovado, nos mais variados cantos do mundo (Biteti, 2022). Destaque-se o controle da reprodução biológica: corpos que podem engravidar levam consigo a radical e disruptiva potência de criar espaço – de produzirem novos corpos-espacinho. Não seria o corpo-espacinho grávido um belo exemplo do colapso escalar (Grandi, 2023)? Da caça às bruxas ao controle contemporâneo das maternagens, trata-se de apenas exemplos do que Mbembe chama de corpos-fronteira – corpos matáveis, imigrantes, mulheres, transexuais...; “corpos abjetos” e “vidas precárias”, como vemos em Judith Butler (2018, 2020), que compõem as “multidões queer” de Preciado (2011).

Se a dinâmica social, material e simbólica, além das práticas de representação – que, por sua vez, são mobilizadas pelas estruturas de cada período histórico de formação espacial – moldam os corpos, no entanto, eles não são passíveis. Concordamos quando o geógrafo David Harvey diz que, a despeito disso, o corpo não é passivo já que,

(...) capaz de criar ordem não apenas em seu próprio interior mas também em seu entorno, o corpo humano é ativo e transformador em relação aos processos que o produzem, sustentam e dissolvem. Logo, pessoas corporificadas dotadas de capacidades semióticas e vontade moral tornam seu próprio corpo um elemento fundacional naquilo que há muito chamamos de “o corpo político” (Harvey, 2004, p. 138).

CORPOS QUE MARGEIAM, RODOPIAM, DANÇAM E GARGALHAM TAMBÉM FAZEM POLÍTICA.

As corporeidades periféricas ou marginais podem, assim, ser pensadas em função do movimento, derivados do entrecruzamento e dos encontros (Massey, 2008) que constituem as trajetórias desses seres e que se colapsam o mundo (Grandi, 2023) nas encruzilhadas (Biteti e Moraes, 2019), fazendo com que nessa espacialidade o corpo anuncie um porvir de uma vida potente num espaço comum, uma política das/nas ruas que emerge do convívio, do confronto e do conflito. As identidades, como resultantes multiformes e mais ou menos estáveis da formulação e manuseio contínuos das margens, somente existem em relação a uma exterioridade que também está constantemente em construção. Dependem, portanto, do contato entre uma unidade (que é condensada e acionada de forma temporária e estratégica) e quem é considerado o Outro. Uma das contribuições que o olhar espacial atento à escalaridade desses processos traz vem da possibilidade de extrapolar a singularidade dos corpos, pois a partir desse olhar é possível pensar, identificar, ressaltar e analisar as formas por meio das quais o corpo transcende e vai além do indivíduo, destacando-se como um recorte espacial eminentemente político porque também é exusíaco.

Se toda produção de espaço pressupõe processos e estes, por sua vez, envolvem o movimento, é necessário reconhecer a qualidade relativa dos movimentos. Afinal, só se percebe que algo se move quando posto em relação a outra coisa. Nem todo movimento é, portanto, nem toda produção do espaço assume a mesma referência. Diante disso,



apresentamos o margear como um quase-conceito, como diria Jacques Derrida (2016), por ser mais força do que forma, já que assume, ao menos como um desejo, a não captura, o não ordenamento. Os corpos-escala marginais podem ter como sua referência a própria margem e não o centro. É óbvio que há limites sempre próximos das margens e, por mais que se desloque ou que se tente transgredi-los, há interferências diretas e cotidianas deles nos trajetos (e eventuais projetos) marginais. No entanto, o que nos interessa, diante do nosso esforço de caracterização do corpo-escala, não é tentar desvendá-lo, já que isso poderia, contraditoriamente, facilitar formas de controle e regulação. Mas é necessário dizer que essas forças existem e que o movimento que realizam pode ter a força da transformação que tanto desejamos e lutamos.

REFERÊNCIAS

- BEIGUELMAN, G. *Políticas da imagem – vigilância e resistência na dadosfera*. São Paulo: UBU. 2021.
- BITETI, M. MORAES, M. Vidas y saberes periféricos como potencias transgresoras. Cidade do México: Tlalli. Revista de Investigación en Geografía, n. 2, pp. 79-96. 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.22201/ffyl.26832275e.2019.2.1086>. Acesso em: 23 ago 2024.
- BITETI, M. Morte e Vida Pombogira. Abatirá - Revista De Ciências Humanas E Linguagens, 2(4), pp. 101-114, 2021. Disponível em: <https://www.revistas.uneb.br/index.php/abatira/article/view/13315/9134>. Acesso em: 23 ago 2024.
- BITETI, M. Geografia e Ontologia no Debate dos Feminismos. Revista Tamoios, v. 18, n. 2, 6-21, 2022. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2022.65547>. Acesso em: 23 ago 2024.
- BITETI, M. GRANDI. O corpo-escala e as estratégias espaciais do margear: proposições preliminares. Espaço e Cultura, v. 1, n. 51, 2024. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/espacoecultura/article/view/63140>. Acesso em: 20 ago. 2024.
- BUTLER, J. Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa da assembleia. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. 2018.
- BUTLER, J. Corpos que importam: os limites discursivos do “sexo”. São Paulo: n-1 edições. 2020.
- CASTRO, I. E. O problema da escala. In: CASTRO, I. E. et al. (orgs.). *Geografia: conceitos e temas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 1995.
- CORRÊA, R. L. Uma Nota sobre o Urbano e a Escala. *Território*, no 11-12-13, pp. 133–136. 2003.
- CORRÊA, R. L. Diferenciação Sócio-Espacial, Escala e Práticas Espaciais. *Cidades*, v. 3, no 6. 2006.
- CORRÊA, R. L. Sobre Agentes Sociais, Escala e Produção do Espaço. In: CARLOS, Ana Fani et al. (org): *A Produção do Espaço Urbano: Agentes, Processos, Escalas e Desafios*. São Paulo: Contexto. 2011.
- CORRÊA, R. L. *Caminhos paralelos e entrecruzados*. São Paulo: Editora UNESP. 2018
- DERRIDA, J. *Gramatologia*. São Paulo: Perspectiva. 2016.
- FANON, F. *Pele Negra, Máscaras Brancas*. Bahia: Edufba, 2018.
- FEDERICI, S. *Calibã e a bruxa. Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.
- FEDERICI, S. *O Ponto Zero da Revolução: trabalho doméstico, reprodução e luta feminista*. São Paulo: Editora Elefante. 2019.
- FOUCAULT, M. *Segurança, território, população*. São Paulo: Martins Fontes. 2008.



GRANDI, M. S. Colapso e determinismo escalar em tempos pandêmicos: reflexões preliminares sobre a casa, o “isolamento social” e o déficit habitacional. *Tamoios*, v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2020.50511>. Acesso em: 23 ago 2024.

GRANDI, M. S. Problematizações contemporâneas sobre a escalaridade: forma, natureza e organização das escadas geográficas. *GEOgraphia*, v. 23, n. 50, 1-18. 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2021.v23i50.a28635>. Acesso em: 23 ago 2024.

GRANDI, M. S. Escala e geografia: produção da escala geográfica e luta no movimento dos sem-teto. Rio de Janeiro: Consequência. 2023.

HADDOCK-LOBO, R. *Abre-caminho: Assentamentos de metodologia cruzada*. Rio de Janeiro: Ape'Ku Editora. 2022.

HÄGERSTRAND, T. Space, time and human conditions. In: Karlqvist, A. Lundqvist, L. Snickars, F. (ed.): *Dynamic Allocation of Urban Space*. Estocolmo: Lexington Books. 1975.

HÄGERSTRAND, T. Action in the physical everyday world. In: Cliff, A. D. et al (ed.). *Diffusing geography: essays for Peter Haggett*. Oxford: Blackwell. p. 35-45. 1995.

HARAWAY, D. *Simians, Cyborgs, and Women: The Reinvention of Nature*. London: Routledge. 1991.

HARAWAY, D. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. *pagu*, v. 5, pp. 07-41. 1995. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/cadpagu/article/view/1773/1828>. Acesso em: 23 ago 2024.

HARVEY, D. *Espaços de Esperança*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

JONES, K. Scale as epistemology. *Political Geography*, v. 17, n. 1, pp. 25–28. 1998. Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S0962-6298\(97\)00049-8](https://doi.org/10.1016/S0962-6298(97)00049-8). Acesso em: 23 ago 2024.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: *La production de l'espace*. 4e éd. Paris: Éditions Anthropos, 2000). Primeira versão: início - fev.2006.

LIMA, E. L. Encruzilhadas geográficas. Notas sobre a compreensão do sujeito na teoria social crítica. Rio de Janeiro: Consequência, 2014.

MARSTON, S. The social construction of scale. *Progress in Human Geography*, v. 20, n. 2, pp. 219–242. 2000. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/030913200674086272>. Acesso em: 23 ago 2024.

MASSEY, D. *Pelo Espaço: uma nova política da espacialidade*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2008.

MBEMBE, A. *Brutalismo*. São Paulo: N-1 edições. 2021.

MOORE, A. Rethinking scale as a geographical category: from analysis to practice. *Progress in Human Geography*, v. 32, n. 2, pp. 203–225. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/0309132507087647>. Acesso em: 23 ago 2024.

MORAES, M. J. D. Por uma Filosofia dessa Coisa de Pele: uma desconstrução da colonialidade. In: N Noyama, S. Gingar, *Filosofar e Resistir: Ensaios para Transver o Mundo*. Curitiba: CVR. 2020.

MORAES, M. J. D. Becos, Ruas, Marquises e Esquinas. In: Encruzilhadas Filosóficas. Rio de Janeiro: Ape'ku Editora. 2020.

MOREIRA, R. *Pensar e Ser em Geografia*, São Paulo: Contexto, 2007.

NANCY, J. L. 58 indícios sobre o corpo. *Revista UFMG*, v. 19, n. 1 e 2, pp. 42-57, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.35699/2316-770X.2012.2710>. Acesso em: 23 ago 2024.

SANTOS, M. *Espaço e método*. São Paulo: EdUSP. 1985.

SANTOS, M. *A natureza do espaço*. São Paulo: EdUSP. 1996.

SACK, R. D. *Human territoriality - Its theory and history*. Cambridge: Cambridge University Press. 1986.



SHEPPARD, E. MCMASTER, R. (org.): *Scale & Geographic Inquiry: Nature, Society, and Method*. Oxford: Blackwell. 2004.

SOUZA, M. L. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2013

COMO CITAR ESTE TRABALHO

BITETI, Mariane, GRANDI, Matheus. O CORPO-ESCALA NAS ESTRATÉGIAS ESPACIAIS-EXISTENCIAIS DO MARGEAR. *Revista Tamoios*, São Gonçalo, v. 21, n. 2, p. 76-86, 2025. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/tamoios.2025.86755>. Acesso em: DD MMM. AAAA.